

UMA MULHER, UMA CASA, UM PAÍS: A GORDA, DE ISABELA FIGUEIREDO

A WOMAN, A HOUSE, A COUNTRY: A GORDA, BY ISABELA FIGUEIREDO

BRUNO MAZOLINI DE BARROS*

Uma das vozes femininas que se destaca na cena contemporânea lusófona, Isabela Figueiredo – jornalista, professora e escritora –, nascida em Maputo e radicada em Portugal desde 1975, apresenta em *A gorda* as memórias da bariátrica Maria Luísa. A narradora ex-obesa divide com a autora alguns dados biográficos, assim como o faz a narradora do romance anterior da moçambicana, *Cadernos de memórias coloniais* (2009), ambas com vidas divididas entre a ex-colônia em África e a antiga metrópole portuguesa.

Essa relação estreita entre biografia e ficção já aparece na advertência na abertura da narrativa: “Todas as personagens, geografias e situações descritas nesta narrativa são mera ficção e pura realidade”. Antes dela, no entanto, aparecem as epígrafes: as tradicionais literárias e uma nomeada pela autora como “Epígrafe sonora”. O primeiro grupo, três literárias, aponta para a tríade sobre a qual o romance está erigido: a relação do indivíduo com a sua corporeidade, a memória que não pode ser descartada e a biografia do autor que permeia o fazer literário inclusive da própria Isabela Figueiredo. O segundo grupo, 21 músicas, abrange artistas que vão desde a cantora de jazz Nina Simone à de música pop Lana Del Rey. Todas as canções fazem parte do período rememorado pela narradora, sendo que algumas até aparecem em cenas do romance, como *Dancing Queen*, do Abba, em uma festa do colégio de Maria Luísa.

* Doutorando em Teoria da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bolsista CNPq. Participante do grupo de pesquisas *Cartografias narrativas: redes e enredos de subjetividade* (PUCRS), no qual se estuda romances portugueses publicados a partir do ano 2000.

A gorda está dividido em capítulos não numerados, distribuídos de acordo com as partes da casa na qual a narradora vive, herdada dos pais falecidos: a memória distribuída em cômodos. Cada um deles que encabeça cada seção do livro revela-se como o centro espacial de uma determinada fase da vida da narradora ou de uma cena importante relatada, alguns deles chegando inclusive a representar impasses da/na vida de Maria Luísa. A casa familiar, junto com a questão corporal explicitada pelo próprio título, atravessa todo o romance.

De certa forma, o seguinte trecho explicita essa alternância de espaços que se descortinam, dando na sequência lugar a outros e que, em um todo, compreendem a sua vida, sua casa: “Abro e fecho, a cada momento, as portas do passado onde habito como os papás o laço de ferro incorruptível que nos estreita e aglutina, e sei que a vida inteira continua insuficiente para o amor” (FIGUEIREDO, 2016, p. 146).¹

Ao longo do texto, as relações com os pais, com a amiga da adolescência Tony, com o ex-namorado David, com o amigo homossexual Leonel e, principalmente, consigo mesma – suas emoções, sonhos, frustrações e seu corpo –, todas elas são reconstruídas não linearmente, e um vislumbre delas, seu anúncio, aparecem no primeiro capítulo, “Porta de entrada”. Nele, a narradora apresenta quem ela é e um lampejo de sua história familiar, o que se delineia melhor nos capítulos-cômodos seguintes.

O segundo capítulo, “Quarto de solteira”, destaca, sobretudo, a adolescência e os primeiros anos da juventude de Maria Luísa. Desse período, o leitor toma conhecimento da marcante Tony, a amiga popular e com mania de grandeza com quem a jovem moçambicana andava na escola. Elas formavam uma dupla de retornadas: portuguesas ou seus descendentes que voltam ou que vão pela primeira vez para Portugal depois da derrocada do Império Ultramar, a partir de 1975. A narradora apresenta-se como a feia e submissa, uma adolescente desengonçada, e a amiga Tony como uma magnetizante “Lispector angolana” (p. 31) ou bela como a atriz “Bo Derek em moreno” (p. 33), com suas histórias pessoais extraordinárias que chegam a ser cômicas de tão inverossímeis.

Nesse capítulo, também figura a história do primeiro relacionamento que Maria Luísa teve com David, e que a marcou profundamente, como toma-se conhecimento à medida que o romance progride e a memória revista diferentes partes

¹ A partir deste ponto, serão mencionadas somente as páginas das citações do romance.

da casa. O quarto é, afinal, o espaço da vida íntima e privada, e nesta seção do texto aparecem sobretudo esses conflitos pessoais que vão balizar parte da vida de Maria Luísa: a frustração com seu corpo e a decepção amorosa.

O terceiro capítulo é “Sala de estar”, no qual a narrativa destaca o período em que a então jovem-adulta volta a conviver com os pais na casa da Almada, região metropolitana de Lisboa: ela, uma retornada dos anos 1970, universitária; eles, retornados com ideias ainda colonialistas que, dez anos depois do fim do Império, soavam antiquados para filha. Este cômodo é o espaço mais coletivo, por assim dizer, do espaço da casa, e, assim como conta da convivência com os progenitores, Maria Luísa narra sobre outras pessoas que passaram por sua vida, inclusive uma nova relação com David: “Há pessoas que aparecem na nossa vida por uma porta que se abre, inesperada, e rapidamente desaparecem, engolidas por um alçapão escuro. [...] Não há no mundo explicação para a entrada e saída de transeuntes e utentes pelas vidas uns dos outros” (p. 81).

Na sequência está o capítulo “Quarto dos papás”, no qual está compreendida, em especial, a história, a vida privada dos pais, do amor deles e da relação inusitada e duradoura. Nessa seção, aparece também a lembrança do definhamento do pai, cuja decadência é desencadeada com um AVC. Antes, um típico colonizador português em África; agora, um frágil homem em Portugal. Vê-se a transformação de um homem que participou da exploração de outro continente para um outro que mal pode sair de casa:

Nos sete anos que se seguiram, vi o papá deitado ou sentado na cama da Matola em Almada, ou na cadeira de rodas que circulava entre assoalhadas e entre casa e rua, permitindo também a trasfega para o sofá, o carro e o banco de jardim.

O papá ficou dependente de mim, da mamã e do seu enorme desejo de melhorar, iniludivelmente insuficiente. (p. 118-119)

O quinto capítulo, “A cozinha”, o mais longo do romance, trata da convivência com a mãe e suas características, assim como sobre a primeira relação amorosa com David e suas aspirações em relação a uma vida com ele, que nos capítulos anteriores são explicitadas como já falidas. Maria Luísa conta também sobre a convivência com outras mulheres, a avó, a vizinha Malu e a prima Fá, dos tempos em que não morava com os pais em Portugal: a cozinha como espaço de troca de experiências entre a mãe e a filha e de memórias de relações femininas.

Mais importante, é o cômodo no qual ela rememora também questões relativas ao processo de ganho de peso, quando as roupas passam a não se ajustar: “O meu corpo está fora do controlo. O que me aconteceu? Como pude deixar-me chegar a este ponto? O que fiz eu da minha vida?” (p. 168). Proporcionalmente, cresce a vergonha e rejeição ao próprio corpo, já presente na adolescência, algo que na vida adulta intensifica-se: “Não suportava o meu corpo porque, tal como as pessoas com as quais me cruzo, também aprendi a rejeitar o invulgar, o excessivo” (p. 169). Em meio a tudo isso, também narra o período da decisão pelo processo que envolvia a cirurgia bariátrica, inclusive suas consequências.

No sexto capítulo, “Sala de Jantar”, apresenta esse cômodo que, no apartamento de Almada, era uma típica sala de jantar portuguesa: usada somente pra visitas. Como nas memórias que tomam a sala de estar, fala de relações passageiras, pouco profundas, mas mesmo assim intensas e, por isso, memoráveis. Nessa seção está encenado o processo de envelhecimento da mãe, além do conflito entre a sua individualidade e os cuidados que a situação demanda, assim como o impacto da morte da mãe em sua vida.

O sétimo capítulo, “Casa de banho”, assim como o segundo, traz aspectos íntimos da vida de Maria Luísa, da sua relação com o corpo desde moça, da sua vida sexual e da questão da maternidade que passa urgir com o passar dos anos. Porque recupera mais de 20 anos, diversas preocupações com o corpo, relativas a diferentes momentos da vida, são elencadas ou revisitadas nesse trecho do romance: desde o desenvolvimento dos seios na puberdade, passando pela descoberta sexual na adolescência, o processo de ganho de peso, um estupro, a limitação etária para gerar um bebê (que tenta com a ajuda do amigo Leonel), abortos sofridos e a decisão de fazer uma cirurgia bariátrica na meia idade.

Nessa sequência, ela relata não só a violência sexual infligida por David, mas também a psicológica sofrida por ser uma mulher com excesso de peso, quando rememora que o então namorado confessou ter vergonha de ser visto pelos amigos com Maria Luísa, por ela ser gorda:

Ambos éramos bodes expiatórios e executores. Ele validava o preconceito com sua inocente vergonha e eu validava-o ao valorizá-la. Olhar o David evocava a realidade. Todo esse discurso confirmava a minha impossibilidade de inclusão no mundo feminino. Eu não era uma mulher, mas uma massa disforme de carne sem valor. (p. 226)

No último capítulo do livro, “Hall”, a narradora afirma que, para entrar nos outros cômodos, tem que se passar neste. De certa forma, o resto da vida dela está balizado por questões desencadeadas pelos fatos rememorados nessa seção, especialmente a adolescência, período que passa a viver em Portugal. Narra, por exemplo, a consciência de ser rejeitada, ou não requisitada pelos garotos, na dinâmica do flerte no baile da escola. Assim, repassa os anos do colégio interno, também narrado em outros capítulos, período do qual a narradora considera impossível alguém passar ileso, esse *hall* da vida: “A adolescência é um fundo poço da crueldade, átrio do resto da vida, do qual não se sai sem um lastimoso rasto de nódoas negras” (p. 263). Além disso, conta como, praticamente 25 anos depois, resolve empenhar-se em uma espécie de acerto de contas com David, para se livrar da marca que deixou em sua vida.

Apesar de o romance estar organizado dessa forma, em capítulos-cômodos, a relação da narradora com o espaço da casa não ocorre somente por essa organização textual descrita acima, mas também pelas crenças de Maria Luísa em relação a essa ideia de lar: a casa aparece como um lugar íntimo – “Estou finalmente em casa, onde posso ser eu novamente” (p. 281) – e até mesmo como um palco de conflitos histórico-pessoais.

Essa segunda ideia pode ser observada especialmente nos cômodos da sala de jantar e da sala de estar, decorados à moda da antiga Lourenço Marques, atual Maputo, o que segundo Maria Luísa é uma tentativa dos pais ter em Portugal a vida (ou o tempo) que tiveram em Moçambique. A filha não compartilha com eles a mesma visão de mundo, seja em relação ao colonialismo português, seja em termos de gosto decorativo. Essa situação explícita inclusive uma cisão familiar acerca do modo de estar no mundo:

Em Lourenço Marques não existiam na nossa casa tantos artefactos africanos. [...] A mamã deve ser por dentro e entre-lugar que a sala mostra, julgo. Há uma imenso fosso de desconhecimento que nos separa. Faltam-nos dez anos de informação, os dez que estivemos separadas. Como nos construímos separadamente nessa ausência? Que pessoas nos tornámos? (p. 92)

Além dessa encenação do conflito português da descolonização, um dado que não deixa de ser abordado pela narradora é o efeito da troika em Portugal. As dificuldades econômicas dos últimos anos e a austeridade fiscal são menciona-

das algumas vezes ao longo do romance. Cortar, ajustar, reduzir não são ações que só o corpo da narradora é pressionado a sofrer, são também infligidas por Portugal no tempo do qual Maria Luísa rememora sua vida:

Quando após a sua morte [da mãe] vieram os cortes da *troika* sobre a sua pensão e subsídio de invalidez, respirei de alívio por ela já não estar viva e eu não ter de lhe explicar que íamos passar a subsistir ainda com menos, porque nosso Governo e a União Europeia garantiam que antes tínhamos andado a viver acima das nossas possibilidades, logo éramos para exterminar. (p. 21)

Além do processo de descolonização e da recente crise portuguesa atribuída aos excessos fiscais do país, outros momentos históricos fixam temporalmente experiências significativas na vida pessoal da narradora. A Revolução dos Cravos e a independência de Moçambique definem um curso para sua vida, o acidente de Tchernóbil demarca o ano do fim do relacionamento com David, a queda das torres gêmeas do World Trade Center marca o ano da morte do pai, e a renúncia do Papa Bento 16, a morte da mãe. Sobre essa história que atravessa a vida das pessoas, ela declara: “A história não se compadece com emoções privadas e é a sua frieza implacável que concede à pequena resistência individual uma dimensão épica. Tudo se atravessa como se não estivéssemos sempre mortos e vivos, no mesmo instante, lutando para adiar” (p. 106).

Em meio a tudo isso, aparecem diversas referências musicais e cinematográficas, inclusive relacionadas à cultura brasileira. Esses elementos são importantes não só na ambientação do tempo histórico do texto, mas também, em alguns casos, direta ou indiretamente, estão relacionados à condição existencial da narradora. Um exemplo disso é a música *Back to Black*, de Amy Winehouse: apesar de citada somente na epígrafe musical, ao final do romance, seu conteúdo (assim como a vida amorosa de sua intérprete) pode ser alinhado à relação conturbada de Maria Luísa com David.

Com toda essa configuração da narrativa, Isabela Figueiredo apresenta um romance que tem o caráter de uma grande crônica memorialística. Entre lembranças, anedotas e reflexões – felizes e infelizes; violentas e cômicas; sagazes e triviais –, em *A gorda* figuram não só mais de duas décadas da vida de uma possível mulher portuguesa, mas também, indiretamente, até parte da história recente de Portugal.

Referências

FIGUEIREDO, Isabela. *A gorda*. Lisboa: Editorial Caminho, 2016.

FIGUEIREDO, Isabela. *Cadernos de memórias coloniais*. Coimbra: Angelus Novus, 2009.